

A IDEIA

revista de cultura libertária

fundador e proprietário João Freire
director e editor António Cândido Franco
editor gráfico Luiz Pires dos Reis
redactor-adjunto João Mendes de Sousa

imagens (para este número): Aldina, Almerinda Pereira, Ana Rita, Antonio Sáez Delgado, António Salvado, Aube Breton-Elléouët (contracapa), Bruno Béu, Dominique Labaume, Fundação Cupertino de Miranda, Isabel Castro Henriques (Alfredo Margarido), Lagoa Henriques (herdeiros), Laurens Vancrevel (Brumes Blondes), Manuel Silva-Terra, Mário Cruz, Miguel de Carvalho, Nicolau Saião, Raquel Nobre Guerra e Rui Martinho (espólio de Virgílio Martinho).
capa Mário Botas, Retrato de Cruzeiro Seixas (montagem fotográfica, tinta da china e guache s/ papel, 1973, col. Cruzeiro Seixas – Fundação Cupertino de Miranda)
periodicidade anual (número duplo)

endereço rua dr. Celestino David n.º 13-C, 7005-389 Évora, Portugal.

endereço electrónico acvcf@uevora.pt

blogs <http://aideialivre.blogspot.com>; editorallicorne.blogspot.com

depositários Livraria Ler Devagar: rua Rodrigues Faria (Lisboa Factory), 103, Lisboa; Livraria Uni-Verso: rua do Concelho, 13, Setúbal; Editora Licorne: rua Conde de Monsaraz, 2, 7005 Évora.

impressão Guide, artes gráficas, lda.

depósito legal 365900/13

registo do título 104 197

ISSN 0870-6913

A *Ideia* é uma revista que faz da cultura o seu campo de acção; através da criação poética e artística, da expressão filosófica, da pesquisa social e da investigação histórica procura criar as bases dum espírito livre, criativo e solidário, contributo efectivo para a realização de todos os seres vivos.

Tirando este princípio geral, suficiente porém para lhe dar um propósito de acção, o libertário, e uma família de ideias, o *anarquismo cultural*, a revista não tem plataforma programática – ao menos para já. As colaborações não solicitadas são desejáveis, embora sujeitas a validação; da sua publicação ou não, a revista dará sempre nota ao autor. A responsabilidade dos textos assinados cabe aos autores, respondendo o director pelos não assinados. Não se segue uma norma ortográfica e várias grafias do português podem coexistir.

AS CONDIÇÕES DE EXPEDIÇÃO DA REVISTA ENCONTRAM-SE NA ÚLTIMA PÁGINA.

DESEJA-SE PERMUTA.

PIDESE CANJE.

ON DEMANDE L'ÉCHANGE.

CHIEDESI SCAMBIO.

WE ASK FOR EXCHANGE.

MAN BITTER UM AUSTAUSCH.

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 16 – n.º 71-72 – Outono de 2013

ÍNDICE	1	Júlio Conrado	
		Mário Henrique Leiria – o Vizinho surreal	89
DECLARAÇÃO	3	Gabriel Rui Silva	
A revista <i>A Ideia</i> em perspectiva	4	Casos de Direito Galático – Mário Henrique Leiria	95
I SURREALISMO EM PORTUGUÊS	13	João Freire	
Mário Cesariny		Mário Botas e Pedro de Sousa	99
Carta a Afonso Cautela	15	José Manuel de Vasconcelos	
Cruzeiro Seixas		Mário Botas e o Surrealismo	101
Carta Inútil e Comunicação quase Automática sobre D. Sebastião.	17	José Maria Carvalho Ferreira	
Alfredo Margarido		Em Memória de Mário Botas	108
Os últimos inéditos	21	Sofia A. Carvalho	
João Rui de Sousa		Leituras do Inferno em Ernesto Sampaio	110
Parafrazeando Cesariny	26	Almerinda Pereira	
Albano Martins		Luiz Pacheco – a Vida num Biscate	118
Dívida a Cruzeiro Seixas	28	Claudio Willer	
António Salvado		O Surrealismo no Brasil	126
O Café Gelo e as <i>Folhas de Poesia</i>	31	Paulo Jorge Brito e Abreu	
António de Macedo		Poesia de António Maria Lisboa	135
Lima de Freitas: a surrealidade do Graal	34	Carlos Mota de Oliveira	
Pinharanda Gomes		Carta a Cruzeiro Seixas	138
António Maria Lisboa: uma gnoseologia lógico-poética	49	Pela mão da noite – a Artur Cruzeiro Seixas	140
Afonso Cautela		Pessoa escutou atentamente Cesariny	140
Surrealismo & Surrealistas	57	Manuel Silva-Terra	
Fernando Grade		Poema visual	141
Ao Surrealismo disse tudo	67	Isabel Guimarães	
Nicolau Saião		MA-NIF-EST-SUR-REAL-IN-i!	142
Mário, Ele Próprio e Nós Outros	71	Luiz Pires dos Reis	
Maria Estela Guedes		Da óptica guilhotina-err: o próprio dos novos amos	143
I. Carlos Eurico da Costa	76	Jorge Telles de Menezes	
II. Herberto Helder – é e não é um poeta surrealista	77	Extensão do Rossio – a António Maria Lisboa	145
Pedro Martins		Amadeu Baptista	
De Telmo a Herberto, os Passos em Volta	80	Cinco Saltos com os Surrealistas	146

DECLARAÇÃO

Alexandre Vargas		Ruy Ventura	
Alexandre O'Neill e Mário Cesariny	148	O surrealismo e as suas consequências absolutas	206
João Carlos Raposo Nunes		João Mendes de Sousa	
Para Antº. Barahona da Fonseca	149	À Procura de Al Berto	211
Nunes da Rocha		Rui Sousa	
Petição (segundo Ângelo de Lima)	150	Dois Textos	214
Carta (entreaberta) ao Galimar da rua da Emenda	151	Nádia Silvestre	
Abel Neves		"Não vos inquieteis, é a realidade que se engana"	220
[fragmento]	153	António Gonçalves	
Délio Vargas		O Centro de Estudos do Surrealismo	223
Torres	154	Miguel de Carvalho	
Manuel Silva Ramos		O Surrealismo Hoje	225
A poesia é quem mais ordena o fogo cruzado	156	Sumário Cronológico do Surrealismo Português Documento	228
Sobre Ernesto Sampaio	161	(Her de Vries e Laurens Vancrevel)	233
Fernando Cabral Martins			
Mário Cesariny: uma arte de cordel	164	II ENTREVISTA	
António Cabrita		Maria Teresa Horta	
Capelas Imperfeitas: a Festa da Inteligência	168	entrevistada por Fabio Mario Silva	234
Maria de Fátima Marinho		III NOTAS & COMENTÁRIOS	237
O Surrealismo e o Real Quotidiano	171	Jorge M. Colaço	
Fernando B. Martinho		Louis Lecoin	240
Lembrança de António José Forte	177	João Freire e Paulo Guimarães	
Carlos J. Figueiredo Jorge		O projecto MOSCA	243
À Memória de António José Forte	180	António Cândido Franco	
António José Forte		Biblioteca "Textos Livres"	246
Cem Anos de Anarquismo	184	Joaquim Palmilha Silva	
Virgílio Martinho		Manifesto Anti-Turístico	248
Café Gelo – Retratos	185	IV Arquivo & Registo	251
Manuel G. Simões		Colaboradores	281
Carlos Loures, a Pirâmide e o Café Gelo	187		
António Cândido Franco			
André Breton, Libertário e Automatista	191		
<i>Pirâmide</i> – uma revista do surrealismo português	201		

A revista *A Ideia* entra com este número em nova fase de existência, que em nada significa uma ruptura com o seu percurso anterior. Mantém-se a série de publicação e o contínuo numérico; por sua vez a alteração no subtítulo nada mais faz do que manifestar aquilo que já era claro para o leitor atento dos últimos tempos. *A Ideia* é hoje sobretudo uma publicação vocacionada para ser uma revista de cultura, sem com isso querer deixar de ser uma revista libertária.

Mais do que valorizar à partida qualquer manifestação cultural, num espírito aberto, mas amorfo, prezamos as expressões culturais singulares que se mostrem avanços de liberdade, de humor, de criação. A cultura dos mandarins, a cultura mediática, a cultura repetida, a cultura ridícula das academias, a cultura vedeta, a cultura da concorrência, a cultura dos sabichões, a cultura do grande comércio não nos interessa; acarinhámos a cultura irreverente e libertadora, a cultura activa dos singulares, a cultura invisível. É com ela que se constrói o desejo, não com a outra.

Dedicamos este número d' *A Ideia* ao surrealismo, paradigma modelar de cultura libertária. Homenageamos alguns dos criadores que entre nós melhor assumiram o espírito pós-civilizacional do movimento, alguns deles colaboradores desta revista de longa data, e damos um contributo ao conhecimento do espírito da corrente e do que nele houve e há de libertário. André Breton, o espírito aquilino e altivo que catalisou a escola, também aqui comparece com informação inédita em português, alguma sobre Louis Lecoin. Ao surrealismo dedicou *A Ideia* o seu primeiro texto em 1981 (pela mão de Nicolau Saião), ao surrealismo voltou logo depois (com Cesariny, Lisboa, Alves dos Santos e outros), ao surrealismo regressa agora e no próximo número (Primavera – 2014), desdobrando e alargando este. Ao surrealismo regressará sempre e sem fim.

Uma última palavra para a entrevista inédita com Maria Teresa Horta, uma das mulheres portuguesas que mais fez entre nós pelo feminismo e a quem desde este pórtico agradecemos a deferência. *A Ideia* tem em Emma Goldman uma referência tutelar e no feminismo uma das suas bandeiras culturais mais antigas e mais firmes.

2. D. SEBASTIÃO E OS CISNES NEGROS

Os meus sonhos não têm imaginação; referem quasi sempre acontecimentos e gentes do dia-a-dia. Parece que a força dos sonhos mais se revela em mim com os olhos abertos em pleno dia: os sonhos que me transmitem amigos e inimigos próximos sempre acompanham a minha enormíssima solidão.

Desde há dias que se torna obsidante um sonho que me foi narrado como acontecimento real, quero dizer quasi sem literatura. A realidade fica-se por um forte dos que os Espanhóis deixaram construídos ao longo da costa marítima. No sonho era possível estar deitado no espaço entre essa obra de arte absoluta que é a areia – (possivelmente milhares de anos, conchas, búzios, pedras, naquele corpo de fluidez sensual). Estranhamente estaríamos deitados no espaço entre céu, entre céu e mar. Muita gente ainda supõe hoje que o céu é o mar, e que o mar é o céu. Aqui há uns anos havia coisas apontadas como anormais. Agora já se sabe que nada é de facto anormal onde esteja o homem. Uma bela fortaleza é sempre uma representação do céu e da terra; ali se adestram jovens a matar e nas longas horas de sentinela, nas guaritas, avançadas sobre os paredões eternos, marcas de esperma.

Cisnes no mar, só julgo os ter visto na praia de Cadaquès, próximo da casa de Dalí, mas tudo estava assinado por ele, desde a sombra dum cipreste às palavras dum velho pescador. Estes cisnes daqui eram negros e arrastavam pelo espaço longos mantos de veludo vermelho. Também era neste cenário que a luz negra gostava de se mostrar como uma serpente chicoteando o espaço até tocar a moldura do retrato de D. Sebastião – que não deveria estar fechado num museu, mas permanentemente em circulação. Nos sonhos de todos nós, este D. Sebastião foi sempre derrotado como deve acontecer sempre com o esplendor do Sol derrotado pela noite, pelas nuvens que passam, pelo vento. A derrota é sempre a grande vitória com diamantes sobre o ouro das armaduras. Um novo mundo deu um grito de recém-nascido e lá ficou a louvar a terra de Alcácer-Quibir. Tinha apenas chegado à adolescência; seus pais, quando conceberam tal luz, no quarto das grandes tapeçarias narrando guerras, ali onde estavam presentes fidalgos e demais criadagem, com as mãos marcando o mistério.

Por certo os mesmos assistiram ao parto como era então costume. Lá fora os cavalos relinchavam, cães ladravam e um leão ditava um poema épico a Camões. Aprendia-se dia-a-dia a olhar as coisas como os cegos. Quem pode ficar frio perante tais momentos? O rei é sempre pelo menos duas personagens; um rio de sangue o arrasta de extremo a extremo do espaço e tem um túmulo de pedra belamente lavrado, no gesto de desembainhar a espada. A morte é a vida preferida dos reis. Este rei D. Sebastião não cabia no espaço que lhe estava reservado pela História. Como pode ele caber no espaço dum sonho? Apenas porque há verdades que ninguém pode ter, porque dançam pelas ruas loucas mascaradas de mentiras.

O sonho é uma derrota? Pouco mais somos do que dinossauros levando na mão um *transistor*. Uma qualquer Alcácer-Quibir acontece-nos todas as semanas e são poucos os que se apercebem onde está a derrota e onde está a vitória.

A lógica, o quotidiano, o racionalismo são uma pequena parte do caminho. Se sabemos pouco dos sonhos, menos sabemos do quotidiano. É esta a verdade a que conseguimos chegar.

ALFREDO MARGARIDO: OS ÚLTIMOS INÉDITOS

[apresentação A. Cândido Franco]



Alfredo Margarido

Entre Junho e Agosto de 2010, dactilografou Alfredo Margarido quatro folhas A4, três delas dedicadas ao surrealismo e uma às artes plásticas. É um dos derradeiros testemunhos do escritor, se não o último, que faleceria pouco depois, a 12 de Outubro de 2010. O original dactilografado, em máquina de escrever, não sofreu emendas nem rasuras, com excepção da primeira linha da primeira folha – onde foi acrescentado, por duas vezes, à mão, a tinta, a palavra *português*. A primeira folha foi referenciada com a primeira letra maiúscula do alfabeto (A) e a segunda com a segunda (B) – não havendo nas restantes qualquer outra indicação. Na primeira folha, canto inferior esquerdo, com outra letra, a lápis, está indicada o seguinte: JUNHO-AGOSTO 2010. O conjunto é um primeiro borrão, à espera de ulterior revisão, que a morte do autor impediu para sempre. Agradecemos a Isabel de Castro Henriques, viúva do escritor, a possibilidade de consultarmos, tratarmos e apresentarmos as três folhas respeitantes ao surrealismo.

Alfredo Margarido (1928-2010) colaborou com Carlos Eurico da Costa em 1952 na organização duma antologia da jovem poesia portuguesa surrealista, *Doze Jovens Poetas Portugueses*, publicada no ano seguinte no Brasil (Ministério da Educação e da Saúde), promoveu e apoiou a segunda exposição surrealista de Cruzeiro Seixas (1957) em Luanda, deu colaboração à revista *Pirâmide* (1960) e colaborou na magna *Antologia Surrealista do Cadáver-Esquisito* (1961) de Mário Cesariny, com um cadáver-esquisito surrealista, "Homenagem a Franz Kafka", de 1954, feito com Carlos Eurico da Costa. O autor de *Pena Capital* voltará a antologá-lo em *A Intervenção Surrealista* (1966).

Entre as inúmeras vezes que Margarido regressou ao surrealismo, destacamos a pasta temática da revista *Espacio/Espazo Escrito* (n.º 6-7, 1991), dedicada a Mário Cesariny e ao surrealismo português, em larga medida da responsabilidade de Perfecto E. Cuadrado e de Ángel Campos Pámpano (1957-2008) – este, um dos três fundadores da publicação, o outro, um dos estudiosos do surrealismo em português. O conjunto ficou sendo até hoje sobre o assunto uma das mais significativas e completas peças críticas. Da pasta fazem parte poemas colagens inéditos de Cesariny, todos com a data de 1990, uma cronologia do poeta português (elaborada decerto por Perfecto) e